

ASCENSÃO EVANGÉLICA EM 2018: O ENVOLVIMENTO RELIGIOSO NAS ELEIÇÕES DO BRASIL, COSTA RICA E MÉXICO

Marcela Barba Santos¹

Resumo: A partir do destaque evangélico nos pleitos de 2018 em países da América Latina (GOLDSTEIN, 2020; GUADALUPE, 2019; MARIANO; GERARDI, 2019), este artigo procura analisar de que forma o apoio religioso expresso aos presidentiáveis Jair Bolsonaro (Brasil), Fabricio Alvarado (Costa Rica) e Andrés Manuel López Obrador (México) foram expostos pela mídia tradicional ao elaborarem o perfil desses candidatos. Para isso foram selecionados três periódicos de destaque, um de cada país: *Folha de S. Paulo*, *La Nación* e *El Universal*. Como resultado, observa-se que o candidato brasileiro e costa-riquenho se associam à religiosidade notadamente por meio da alusão a pautas e polêmicas morais, representando a aliança de visão comum entre eles – político e apoiadores evangélicos. No caso do México, temáticas religiosas ou sobre moralidade não são publicadas no conteúdo do jornal, indicando a aliança pragmática existente nesse caso.

Palavras-chave: Política e religião, América Latina, Eleições 2018; Jornalismo político.

Introdução

O vínculo entre política e religião é encontrado ao longo da história do Brasil, datando desde a invasão portuguesa, no século XVI (HOORNAERT, 1984). A influência religiosa, especialmente católica, seguiu presente mesmo com a instituição da laicidade do Estado, a exemplo de suas interferências em cartas constitucionais e apoio, depois oposição, à ditadura militar (ALENCAR, 2020). Todavia, esta hegemonia tem perdido espaço para um novo sujeito cristão que ascende na arena política nacional desde a última redemocratização: o núcleo evangélico, sobretudo neopentecostal.

Este protagonismo evangélico não é exclusividade do Brasil, os vizinhos latino-americanos também passam por processo similar, incluindo o declínio no número de católicos, paralelo ao crescimento evangélico, nas últimas décadas (GUADALUPE, 2019). No campo político, conforme afirma José Luis Pérez Guadalupe (2019), o ano de 2018 marca a consolidação das igrejas evangélicas como novos atores na América

¹ Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná (UFPR). E-mail: barba.mbs@gmail.com

Latina, tendo em vista a vitória dos candidatos à presidência Jair Bolsonaro e Andrés Manuel López Obrador, no Brasil e México, assim como a ida de Fabricio Alvarado para o segundo turno nas eleições da Costa Rica. Todos estes candidatos têm em comum o amplo apoio de lideranças evangélicas, assim como o uso da pauta moral em suas campanhas.

Partindo desse contexto, o presente estudo busca analisar o perfil divulgado sobre esses três candidatos em importantes periódicos, um de cada país, no ano de 2018. Deste modo, foram selecionados os jornais: *Folha de S. Paulo* no Brasil, *El Universal* no México e *La Nación* na Costa Rica. Sublinha-se que a descrição normativa de notícias inclui a busca de elementos que cubram os fatos fielmente (MARQUES et al., 2019), logo, num processo eleitoral com destacada atuação religiosa, questiona-se se ao elaborarem os perfis destes candidatos há associação direta aos apoios religiosos ou se esta associação surge de modo indireto, a exemplo do conservadorismo dos costumes e a chamada pauta moral.

Com base nesse questionamento, o estudo se desenvolve a partir de um levantamento teórico sobre como se deu o envolvimento religioso nestas eleições e segue para a análise dos perfis veiculados nos jornais mencionados, refletindo sobre como estas intersecções, que envolvem política e religião, são exteriorizadas ou minimizadas pela mídia, indicando o tipo de união entre estes sujeitos.

Os evangélicos na arena política

A América Latina, ainda com maioria de católicos, presencia a escalada evangélica na arena política em diversos países (PEW RESEARCH CENTER, 2014). Este segmento religioso, por vezes socialmente marginalizado, avança para um protagonismo político desde a década de 1980 (GUADALUPE, 2019). Se antes eles se afastavam da arena política, com o lema “crente não se mete em política”, o mesmo é atualizado para “irmão vota em irmão” no presente (GUADALUPE, 2019; MARIANO, 2011).

A vertente evangélica compreendida como a mais favorável à participação política dos religiosos na política é a neopentecostal, como a Igreja Universal do Reino

de Deus (IURD), no Brasil, que possui candidatos oficiais e os lança por meio de um modelo estratégico (MARIANO, 2004; ORO, 2003). As igrejas neopentecostais ao redor da América Latina, apesar de trazerem variedade em diversos aspectos, a exemplo de algumas serem mais atraentes a classes mais baixas e outras à classe média e elite, têm em comum a teologia da prosperidade, pós-milenarismo e autoridade pastoral (BOAS, 2020).

Ressalta-se que a “agenda moral”, que inclui pautas “pró-vida” e “pró-família”, é a mais difundida no espaço público, transcendendo barreiras de denominações cristãs, atraindo evangélicos e católicos conservadores (GUADALUPE, 2019). No Brasil, os neopentecostais utilizaram um discurso acentuadamente moralista como justificativa para sua aproximação da política, agiram em defesa da moral cristã, da família e dos bons costumes, propondo integrar o Congresso Nacional no combate a descriminalização do aborto e do consumo de drogas, a união civil de homossexuais e a imoralidade (MARIANO, 2011).

Além da questão moral, a valorização do dinheiro também é acrescida como elemento constituinte do bom cristão. A Teologia da Prosperidade afirma que “a posse, a aquisição e exibição de bens, a saúde em boas condições e a vida sem maiores problemas ou aflições são apresentados como provas da espiritualidade do fiel” (MARIANO, 2014, p. 157). Logo, o insucesso financeiro do indivíduo retrata sua própria incapacidade, visto que seria reflexo da falta de fé e do não cumprimento das palavras escritas na Bíblia.

Estas nuevas subjetividades involucran la percepción de la movilidad social como un resultado del esfuerzo individual y con la manifestación de la gracia de Dios en las propias obras. La “teología de la prosperidad” postula una afinidad entre una visión neoliberal y la prosperidad económica, ajena al reconocimiento de la acción del Estado y las políticas públicas. Los programas televisivos de estas iglesias hacen referencia al “Pacto con Dios” y el progreso económico que sobreviene del mismo de la mano del emprendedorismo y la iniciativa individual. (GOLDSTEIN, 2020, p. 11–12)²

² Tradução da autora: essas novas subjetividades envolvem a percepção da mobilidade social como resultado do esforço individual e com a manifestação da graça de Deus nas próprias obras. A “teologia da prosperidade” postula uma afinidade entre a visão neoliberal e a prosperidade econômica, alheia ao reconhecimento da ação do Estado e das políticas públicas. Os programas televisivos destas igrejas fazem referência ao “Pacto com Deus” e ao progresso econômico que daí advém, alinhado ao empreendedorismo e a iniciativa individual. (GOLDSTEIN, 2020, p. 11–12).

Ronaldo de Almeida (2019, p. 43) aponta que o fato dos evangélicos se sobressaírem entre as classes populares e médias da sociedade, seu liberalismo econômico “não dispensa as exigências de serviços públicos (saúde, educação, segurança, saneamento etc.) e a seguridade social (aposentadoria e regras trabalhistas)”. Deste modo, a redução do Estado é defendida por meio de discursos anticorrupção e contra privilégios do setor público, visto que a agenda neoliberal, especialmente a econômica, tem baixa adesão popular. “Não por acaso ocorrem alianças estratégicas entre ultraliberais associados à pauta de segurança e dos costumes como forma de melhorar o desempenho eleitoral” (ALMEIDA, 2019, p. 43), fato presenciado nos discursos de políticos que mostram-se notadamente preocupados em evitar ofender as sensibilidades religiosas dos eleitores, principalmente em questões relacionadas a moral, gênero e direitos homossexuais (GUADALUPE, 2019).

Deste modo, as agendas econômicas são minimizadas no alinhamento religioso, enquanto as de cunho moral e de segurança se sobressaem amplamente. Enfatiza-se as pautas mais atraentes à população, estas que também podem atuar como uma distração em momentos de decisões econômicas.

As eleições de 2018 no Brasil, Costa Rica e México

A atuação evangélica nos pleitos de 2018, na América Latina, é encontrada na literatura por meio de uma gama de estudos que refletem sobre a importância desta associação político-religiosa (BOAS, 2020; GOLDSTEIN, 2020; GUADALUPE, 2019; MARIANO; GERARDI, 2019). No caso brasileiro, em outubro de 2018 o candidato Jair Bolsonaro (PSL – Partido Social Liberal)³ venceu a eleição à presidência do Brasil, contando com amplo apoio do setor evangélico. Seus discursos polêmicos, incluindo homofobia, xenofobia e misoginia, englobavam apelos moralistas, a favor da chamada “família tradicional brasileira”, sendo enfaticamente contrário ao aborto e direitos LGBTQIA+⁴ (GUADALUPE, 2019).

³ Em função de crises internas, Jair Bolsonaro se desfiliou do PSL em novembro de 2019. O presidente então iniciou o processo de criação de um novo partido: *Aliança Pelo Brasil*.

⁴ Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexual e as demais possibilidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero.

O segundo turno foi disputado entre Bolsonaro e Fernando Haddad (PT – Partido dos Trabalhadores), representando a esquerda brasileira. Note-se que, embora os evangélicos tenham apoiado massivamente o candidato Jair Bolsonaro em 2018, este cenário não foi sempre assim, pois eles já apoiaram os governos petistas, especialmente nos pleitos vitoriosos, os dois mandatos do ex-presidente Lula e o primeiro mandato da ex-presidenta Dilma Rousseff, numa espécie de “aliança pragmática” (GOLDSTEIN, 2020).

O rompimento da aliança entre o governo petista e a Bancada Evangélica pode ser compreendido a partir do ano 2013, uma vez que neste ano, além dos acontecimentos de junho que causaram ampla queda na aprovação da presidenta Dilma Rousseff (SINGER, 2013), o pastor conservador Marco Feliciano assumiu a presidência da Comissão de Direitos Humanos. Conforme afirma Goldstein (2020, p. 39), esse fato “materializó de forma explícita el choque de valores entre la agenda cultural conservadora evangélica y la agenda progressista del PT em materia de género y derechos humanos, al expresar los limites de esa alianza pragmática”⁵. Em agosto de 2016 há a concretização do *impeachment* de Dilma, por meio de um golpe que teve apoio de importantes instituições, inclusive a mídia (ALBUQUERQUE, 2019). A votação do afastamento da então presidenta contou com uma abundância de referências à tradição (familiar e religiosa) e corrupção. Aponta-se também a expressiva rejeição da Frente Parlamentar Evangélica, que só não alcançou 100% “por causa da presença na fileira evangélica de cinco deputados que votaram a favor de Dilma” (PRANDI; CARNEIRO, 2018, p. 18), um reflexo, em certa medida, do rompimento realizado entre estes sujeitos, PT e Bancada Evangélica, três anos antes. Os discursos usados neste afastamento assemelham-se aos usados por Bolsonaro em sua vitória de 2018, aqui verifica-se a “aliança de visão comum” entre o candidato e a vertente religiosa evangélica na política (GOLDSTEIN, 2020).

Na Costa Rica, diferente do Brasil, o candidato com o apoio evangélico não venceu no segundo turno, mas surpreendeu ao ter vitória no primeiro turno. Fabricio Alvarado Muñoz, apresentador de televisão, cantor gospel e pregador evangélico,

⁵ Tradução da autora: “materializou explicitamente o choque de valores entre a agenda cultural evangélica conservadora e a agenda progressista do PT sobre gênero e direitos humanos, ao expressar os limites dessa aliança pragmática” (GOLDSTEIN, 2020, p. 39).

realizou uma campanha pautada sobre um discurso religioso e moralista (GUADALUPE, 2019; MARIANO; GERARDI, 2019). Note-se que a Costa Rica possui maioria da população católica, mas assim como o Brasil, vivencia uma queda no número desses religiosos.

Historicamente a Costa Rica é considerada a democracia mais estável da região (GOLDSTEIN, 2020; GUADALUPE, 2019), em função da abolição do armamento em meados do século passado, o que os poupou de uma ditadura militar, contrariando o que ocorreu em quase todos os países da América Latina. O país não teve um crescimento evangélico tão significativo quanto outros países próximos, no entanto a religião é encontrada em diversas instituições de ensino locais, a exemplo de cinco universidades (GUADALUPE, 2019).

Em 2018, o voto evangélico conquistou notoriedade pela primeira vez na história do país. A explicação para este feito tem a ver com a recomendação da *Corte Interamericana de Derechos Humanos* sobre a aceitação do matrimônio igualitário entre pessoas do mesmo sexo semanas antes da eleição. Fabricio Alvarado, com um discurso contrário a esta recomendação, defendendo a família tradicional, conquistou destaque suficiente para a vitória no primeiro turno das eleições costa-riquenhas. Todavia, o candidato perdeu no segundo turno, influenciado também por uma questão religiosa, visto que o candidato evangélico era igualmente avesso às devoções à *Virgen de los Ángeles*, o que supostamente favoreceu seu oponente, Carlos Alvarado Quesada (GUADALUPE, 2019). Logo, nota-se, que o fator religioso foi importante nos dois turnos desta eleição, no primeiro elevou um candidato desconhecido, com um discurso moralista, e no segundo o mesmo fator supostamente influenciou a sua derrota. Ainda que tenha sido derrotado, este pleito deixou claro que o segmento evangélico tem espaço de atuação política crescente na Costa Rica, sobretudo pautado num discurso ético-moral.

Ao olharmos para o México, outro país majoritariamente católico, encontramos um perfil de candidato diferente dos vistos no Brasil e Costa Rica, uma vez que Andrés Manuel López Obrador (AMLO) é considerado ideologicamente alinhado à esquerda. Entretanto, sua vitória foi conquistada com o apoio do Partido Encuentro Social (PES), partido evangélico, e um discurso pautado em questões morais, propondo a criação de

uma constituição moral, submetendo esta agenda para referendo nacional (GUADALUPE, 2019).

Ainda que os evangélicos estejam em número menor no país, 81% da população permanece católica (PEW RESEARCH CENTER, 2014), eles começaram a participar mais ativamente da política em seu país. AMLO, durante a campanha, se apresentou como um homem cristão. “Soy cristiano en sentido más amplio de la palabra, porque Cristo es amor”. Concretizou a aliança entre o partido progressista Movimiento Regeneración Nacional (MORENA) e o Partido Encuentro Social (PES), que tem um discurso conservador em temas de moral e sexualidade, opondo-se ao aborto e matrimônio entre pessoas do mesmo sexo. Aliança esta caracterizada por um perfil pragmático, mas que leva a frequentes reuniões entre o presidente e dirigentes das igrejas evangélicas. Convidando-os inclusive para colaborar em iniciativas conjuntas de seu governo como a distribuição de *Cartilla Moral*, documento que difunde princípios morais e éticos para os cidadãos (GOLDSTEIN, 2020).

Nota-se, a partir deste breve levantamento sobre a associação religiosa nesses três pleitos, que a pauta moral e o conservadorismo é comum a todos. Porém, enquanto Brasil e Colômbia encontram a aliança de visão comum, no México esta se caracteriza pelo pragmatismo. O poder religioso, aparentemente, busca se associar ao campo em que possa conquistar poder.

Os perfis dos candidatos na mídia

Com a finalidade de observar como a mídia traçou o perfil desses três candidatos, se expondo ou minimizando as associações religiosas, esta pesquisa parte da escolha de três jornais de destaque em suas regiões. No Brasil, a escolha foi pelo jornal *Folha de S. Paulo*, uma vez que este é o periódico com maior circulação no país (MEIO E MENSAGEM, 2020). Na Costa Rica foi o jornal *La Nación*, por sua importância local (MEDIABUZZ, 2020) e no México foi o *El Universal*, por estar entre os periódicos com maior impacto no país (MERCA2.0, 2019).

No caso brasileiro, a *Folha de S. Paulo* (2018) traça o perfil de todos os candidatos em um único conteúdo: “Eleição presidencial terá 13 candidatos; veja quem

são”, publicado no dia 24 de agosto de 2018. Aqui, Bolsonaro é apresentado por seu histórico de capitão reformado e político, com 7 mandatos de deputado federal, contando com apenas dois projetos de lei aprovados nesse período. O perfil também indica que o candidato ficou conhecido “por polêmicas no parlamento, com falas em defesa da ditadura militar e integrantes do regime, ataques a homossexuais, negros e mulheres” (FOLHA DE S. PAULO, 2018). O conteúdo finaliza apontando que o candidato, na disputa à presidência pela primeira vez, aparece em segundo lugar apenas nos cenários contra Lula⁶, nos demais ele lidera as intenções de voto.

Verifica-se neste conteúdo que a associação ao apoio religioso não é mencionada, todavia o teor conservador e autoritário está presente. Como um candidato que se opõe aos direitos homossexuais, Bolsonaro se conecta às bandeiras levantadas pelos neopentecostais ao se aproximarem da política na última redemocratização (MARIANO, 2011). Além desta conexão ao discurso religioso usado décadas atrás, esta sincronicidade se dá no presente também, uma vez que as polêmicas mencionadas se alinham às ações do núcleo evangélico na política, representado pela Frente Parlamentar Evangélica, que atualmente possui 195 deputados de diferentes partidos e espectros ideológicos⁷, cujos congressistas unem-se principalmente “em torno de pautas morais, e não em torno da elaboração de políticas públicas de cunho mais estrutural” (PRANDI; SANTOS, 2017, p. 210).

Embora propostas de governo sejam também ignoradas em seu perfil, o histórico como capitão reformado o relaciona, de certa forma, ao tema segurança, até mesmo pela menção ao apoio à ditadura militar. Nota-se, assim, que elementos relacionados à moral e segurança estão em destaque em seu perfil, tal como as polêmicas do candidato e sua baixa performance como deputado federal, visto que em décadas de mandato teve apenas dois projetos de lei aprovados.

Este é um perfil sucinto que apresenta um breve histórico do candidato e questões que o destacam no ambiente eleitoral, a polêmica chama mais atenção que as

⁶Em agosto de 2018 Lula (PT) foi lançado como candidato à Presidência do Brasil. O candidato favorito até o momento, com 20 pontos de vantagem sobre Bolsonaro (PSL), teve sua candidatura rejeitada por votação do TSE com base na *Lei da Ficha Limpa*. Em abril do mesmo ano, o ex-presidente havia sido condenado em segunda instância por corrupção passiva e lavagem de dinheiro no caso do triplex, culminando com prisão determinada pelo então juiz Sérgio Moro, que futuramente tornou-se Ministro da Justiça do governo Bolsonaro até abril de 2020.

⁷ Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010>

propostas. A moralidade é a estrela, não os apoiadores, todavia eles podem ser encontrados pelo alinhamento de ideias, a “união de visão comum” (GOLDSTEIN, 2020) se dá por meio deste pensamento compatível.

Ao focalizar no perfil de Fabricio Alvarado, candidato na Costa Rica, observa-se que o jornal *La Nación* (2018) elaborou um texto mais detalhado sobre o candidato: “Fabricio Alvarado: la fe de la mano de la política”, publicado em 31 de janeiro de 2021. Aqui indicam o destaque do candidato pelas suas objeções à indicação da *Corte Interamericana de Derechos Humanos* (Corte IDH) para igualdade dos direitos aos homossexuais. Com um discurso enfaticamente contrário e moralista, Alvarado adquire alta popularidade no primeiro turno. O texto segue informando seu histórico, político recente, que ocupa uma cadeira na Assembleia Legislativa desde 2014. O texto recobra sua carreira como jornalista, cantor gospel e parlamentar. Indicando que Alvarado se uniu a outros deputados evangélicos para compor o “*bloque provida*”, caracterizado por intensa oposição à fertilização *in vitro* e todas as iniciativas relacionadas aos direitos homossexuais, como o matrimônio. Além destas pautas morais, o candidato também tem em seu histórico o apoio a uma proposta que visa conferir personalidade diferenciada às organizações religiosas, uma vez que estão atualmente registradas como associações. Por fim, o texto expõe que com a popularidade, conquistada a partir da polêmica do casamento gay, veio também polêmicas relacionadas a invocações religiosas em sua propaganda (LA NACIÓN, 2018).

Diferente do perfil de Bolsonaro, aqui a religião aparece claramente no conteúdo, até pela associação direta do candidato à religiosidade, sendo um cantor gospel. As polêmicas relacionadas à moral são similares, o combate aos direitos dos homossexuais é pauta comum aos dois candidatos, ambos destacados nos perfis descritos pelos periódicos analisados.

Propostas de governo não são apresentadas, a única minimamente indicada é seu interesse em favorecer as igrejas no país, pois são consideradas associações. Fabricio Alvarado é um político relativamente novato, que ascende por meio de polêmicas relacionadas à moralidade e direitos homossexuais, pauta evidenciada em seu perfil e que o deixa num lugar próximo a Jair Bolsonaro. Ambos os candidatos não possuem

destaques relacionados às questões estruturais do país ou pautas econômicas, polêmicas morais são novamente evidenciadas.

Ainda que Alvarado não tenha vencido a eleição na Costa Rica, esta vitória no primeiro turno, de um candidato notadamente evangélico, surpreende num país de maioria católica. Logo, é possível refletir se a pauta conservadora tende a unir a população para além do núcleo cristão evidenciado, se católico ou evangélico.

Quando se atenta ao México, diferente do Brasil e Costa Rica, não se encontra um candidato ideologicamente alinhado à direita, mas sim à esquerda. O perfil de Andrés Manuel López Obrador descrito pelo *El Universal* (2018) no texto “Perfil. Andrés Manuel López Obrador, un Presidente sin celular”, publicado em 01 de dezembro de 2018, é de um político com zero tolerância ao neoliberalismo e conservadorismo. Apontado também como idealista, tendo ampla carreira política (tentou a eleição também em 2006 e 2012) e que buscará em seu governo beneficiar os mais pobres e marginalizados. Sua vida pessoal é apresentada como simples, não possui celular e quando está em casa cozinha com sua esposa e filho. Abordam também seu primeiro trabalho, como delegado do *Instituto Nacional Indigenista*, entre os anos de 1977 a 1982, função que o marcou e o levou a pensar no apoio aos mais necessitados. O texto finaliza reforçando que Obrador é um dos que pensam que não é necessário muito para viver.

Obrador, a partir do perfil exposto pelo *El Universal*, é um candidato que vai na contramão dos apresentados anteriormente no quesito conservadorismo. A aliança com os evangélicos foi suprimida no texto, não há nenhum apontamento que o associe à ala conservadora da política mexicana, ao contrário, é salientado que ele não apoia tais medidas.

No campo de propostas, novamente elas não são evidenciadas, mas é dado que AMLO desaprova veementemente o neoliberalismo, o que diverge da Teologia da Prosperidade. Com um perfil de político tradicional, que entra na disputa pela terceira vez, Obrador é apresentado por um texto que demonstra enaltecer suas qualidades, como homem simples e idealista.

Este perfil progressista do presidente mexicano eleito aparentemente colide com as visões no aspecto moral do PES, partido evangélico que o apoiou. Deste modo,

conforme aponta Goldstein (2020), o caso do México se assemelha ao Brasil de alguns anos atrás, à vista disso poderia constituir uma introdução do que ocorreu no país, no qual os líderes evangélicos aliaram-se ao PT e sua agenda. Permitindo avanços e benefícios por sua proximidade ao Estado, como concessões de rádio e televisão. Todavia, representou um crescimento que ameaçou o próprio governo, colaborando para a vitória de Jair Bolsonaro.

A partir das descrições dos três candidatos, veiculados nesses importantes periódicos de seus países, nota-se perfis que diferem e se assemelham. Jair Bolsonaro e Fabricio Alvarado estão mais próximos por ambos ganharem visibilidade apoiados em polêmicas relativas a questões morais, diferente de AMLO que, segundo o perfil analisado, é progressista e oposto ao conservadorismo.

Observar os perfis destes candidatos, divulgados pelas mídias locais, remete-nos à visão de Thomas Petersen (2019) sobre opinião pública, na qual o autor diz que o jornalismo não apenas a influência, como é também influenciado por ela. Tendo como uma de suas funções o papel de identificar o clima geral da sociedade e apresentá-lo ao público, nota-se como o jornalismo realça as questões morais no perfil de alguns políticos e em outros deixa em segundo plano. Os envolvidos em polêmicas estão claramente mais associados às pautas conservadoras, sendo estas indicadas em seus perfis. A religião só é diretamente mencionada ao candidato da Costa Rica, no candidato brasileiro ela é encontrada apenas pela associação de pauta. Já no México, o perfil não indica em nenhum momento esta associação, quem sabe esta seja percebida com maior ênfase com o passar dos anos, caso a realidade do México mostre-se similar à brasileira.

Por fim, indica-se que nesta análise de três perfis, em países latino-americanos de maioria católica, o que une os candidatos declaradamente apoiados pelos setores evangélicos de seus países é a moral. No entanto, apenas os mais conservadores e polêmicos a ostentam em seus perfis publicados na mídia. AMLO diferencia-se da Costa Rica e Brasil neste pleito, mas somente o futuro dirá se o México vai se assemelhar ao Brasil. Fato é: o apoio religioso mostra-se importante a todos os eleitoráveis, conservadores ou progressistas.

Considerações finais

O estudo sobre a intersecção entre religião e política, habitualmente debatido pela área da sociologia (CARVALHO JUNIOR; ORO, 2018; MARIANO, 2011; PIERUCCI; PRANDI, 1995), é trazido para este artigo dentro do contexto da comunicação. Buscou-se relacionar estes objetos a fim de compreender como se evidencia esta relação na mídia secular e influente em seus respectivos países.

Ao analisar o perfil divulgado dos três candidatos (Jair Bolsonaro, Fabricio Alvarado e Andrés Manuel López Obrador) amplamente apoiados pelos setores evangélicos dos seus países, observou-se que apenas aquele que traz a religião em sua profissão tem exposto em seu perfil a importância religiosa a sua candidatura. Nos demais ela é minimizada, mas pode ser compreendida a partir da inclusão de questões morais, como no caso de Jair Bolsonaro.

Salienta-se que não é pretensão deste estudo afirmar que os candidatos analisados tiveram destaque nos pleitos de 2018 apenas pelo apoio religioso, uma vez que há sempre diversos elementos envolvidos. No entanto, cabe indicar que, embora o Estado seja laico, os sujeitos políticos contribuem para esta crescente ocupação religiosa da esfera pública, pois fortalecem “a instrumentalização mútua entre religião e política” (MARIANO, 2011, p. 251), legitimando e estimulando o ativismo político-partidário destes grupos.

Atentar a como a mídia tradicional retrata esses candidatos é um meio de compreender como se exhibe à população o perfil desses políticos, se o apoio religioso, tão caro a eles, é destacado na mídia secular. Nota-se que este só é destaque quando o candidato é polêmico e sua maior bandeira, aparentemente, é o conservadorismo combativo. Conforme afirma Guadalupe (2019, p. 132), no atual panorama “the only issue that could pull the great majority of Latin America’s Evangelicals together around it is the moral proposal: pro-life and pro-family, and anti-abortion, antihomosexual marriage and anti-‘gender ideology’ in general”⁸.

⁸ Tradução da autora: “a única questão que poderia unir a grande maioria dos evangélicos da América Latina é a proposta moral: pró-vida e pró-família, antiaborto, contrariedade ao casamento homossexual e a ‘ideologia de gênero’ em geral”.

Conforme visto nos conteúdos analisados, as polêmicas relacionadas à moral são mais acentuadas que a religião dos candidatos, especialmente nos casos de aliança comum brasileiro e costa-riquenho, o que indica um voto mais baseado em valores morais do que confessionais (GUADALUPE, 2019), amplia-se, deste modo, a simpatia das alas conservadoras, independente de vertente religiosa.

O ano de 2018 certamente representa um período emblemático na América Latina pela atuação evangélica. Por meio da literatura acadêmica observamos que os três candidatos foram apoiados por evangélicos, mas pela mídia tradicional apenas um deles contou com esta característica claramente exposta em seu perfil. Com base nestas caracterizações, pode-se dizer que os candidatos que se enquadram nas alianças de visão comum são os que vociferam a moralidade em suas pautas. Não é a igreja em si, nem o Cristo, mas principalmente o combate à igualdade de gênero. Aquele que não brada a moralidade, AMLO, não aparece associado às igrejas no perfil divulgado pela mídia.

O estudo desta relação político religiosa na América Latina é um campo com amplo espaço para análise e debate, uma vez que são países distintos, mas com similaridades em seus campos religiosos e políticos. Observar o desenrolar de suas eleições pode indicar se o conservadorismo evangélico permanecerá potente pelos próximos anos e se as suas associações serão mais de visão comum ou pragmáticas.

Referências

ALBUQUERQUE, A. DE. Protecting democracy or conspiring against it? Media and politics in Latin America: A glimpse from Brazil. **Journalism**, v. 20, n. 7, p. 906–923, 2019.

ALENCAR, G. F. DE. Jair Messias Bolsonaro: o “ eleito” de Deus ? **Revista Brasileira de História das Religiões**, n. 37, p. 161–175, 2020.

ALMEIDA, R. DE. Deus acima de todos. In: **Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

BOAS, T. C. The Electoral Representation of Evangelicals in Latin America. **Oxford Research Encyclopedia of Politics**, n. February, p. 1–26, 2020.

CARVALHO JUNIOR, E. T. DE; ORO, A. P. Eleições municipais 2016: religião e política nas capitais brasileiras. **Debates do NER**, v. 2, n. 32, p. 15–68, 2018.

EL UNIVERSAL. **Perfil. Andrés Manuel López Obrador, un Presidente sin celular.**

Disponível em: <<https://www.eluniversal.com.mx/nacion/politica/perfil-amlo-un-presidente-sin-celular-y-que-escribe-discursos-mano>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

FOLHA DE S. PAULO. **Eleição presidencial terá 13 candidatos; veja quem são.** Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/08/eleicao-presidencial-tera-13-candidatos-veja-quem-sao.shtml>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

GOLDSTEIN, A. A. **Poder evangélico: Cómo los grupos religiosos están copando la política en América.** 1. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Marea, 2020.

GUADALUPE, J. L. P. **Evangelicals and Political Power in Latin America.** 1. ed. Lima: Konrad Adenaur Stiftung e Institute of Social Christian Studies of Peru, 2019.

HOORNAERT, E. **A Igreja no Brasil-Colônia (1550-1800).** 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense S.A., 1984.

LA NACIÓN. **Fabricio Alvarado: la fe de la mano de la política.** Disponível em: <<https://www.nacion.com/el-pais/politica/fabricio-alvarado-la-fe-de-la-mano-de-la-politica/GZDFOXAARNFWHAWLWFOVS4GIL4/story/>>. Acesso em: 22 fev. 2021.

MARIANO, R. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. Estudos Avançados,** 2004.

MARIANO, R. **Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. Civitas - Revista de Ciências Sociais,** v. 11, n. 2, p. 238–258, 2011.

MARIANO, R. **Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

MARIANO, R.; GERARDI, D. A. **Eleições presidenciais na América Latina em 2018 e ativismo político de evangélicos conservadores. Revista USP,** n. 120, p. 61–76, 2019.

MARQUES, F. P. J. et al. **SIMILAR, BUT NOT THE SAME: Comparing Editorial and News Agendas in Brazilian Newspapers. Journalism Practice,** v. 14, n. 9, p. 1–21, 2019.

MEDIABUZZ. **Periódicos de Costa Rica.** Disponível em: <<https://www.mediabuzz.org/periodicos/costa-rica/>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

MEIO E MENSAGEM. **Circulação dos maiores jornais do País cresce em 2019.** Disponível em: <<https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2020/01/21/circulacao-dos-maiores-jornais-do-pais-cresce-em-2019.html>>. Acesso em: 24 out. 2020.

MERCA2.0. **Infografía: Estos son los periódicos de mayor impacto en México.** Disponível em: <<https://www.merca20.com/infografia-estos-son-los-periodicos-de-mayor-impacto-en-mexico/>>. Acesso em: 25 fev. 2021.

ORO, A. P. **A política da Igreja Universal e seus reflexos nos campos religioso e**

político brasileiros. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 18, n. 53, p. 53–69, 2003.

PETERSEN, T. Journalists and Public Opinion. **The International Encyclopedia of Journalism Studies**, p. 1–9, 2019.

PEW RESEARCH CENTER. **Religion in Latin America**. Disponível em: <<https://www.pewforum.org/2014/11/13/religion-in-latin-america/>>. Acesso em: 23 fev. 2021.

PIERUCCI, A. F.; PRANDI, R. Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. **Opinião Pública**, v. 3, n. 1, p. 32–63, 1995.

PRANDI, R.; SANTOS, R. W. DOS. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no congresso nacional e na frente parlamentar evangélica. **Tempo Social**, v. 29, n. 2, p. 187–214, 2017.

SINGER, A. Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos**, n. 97, 2013.